VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

PELOS OLHOS DA LITERATURA: AS CONDIÇÕES SOCIAIS DA LONDRES VITORIANA SOB A ÓTICA DE CHARLES DICKENS

Roberto José Souza e Silva*

A História Cultural, a partir do momento em que passou a ser chamada de Nova História Cultural, parece ter aberto um leque de oportunidades para os novos e para os mais experimentados pesquisadores. Campo imenso de possibilidades e aproximações entre as ciências do conhecimento humano, sua longa estrada a ser percorrida, esconde muitas vezes, percalços aos seus imprudentes viajantes. Portanto, para fins de objetividade e compreensão desta pesquisa, é necessário buscar delimitações de significados para História e Cultura, para não correr o risco de ultrapassar suas fronteiras.

Por História, podemos entender uma gama de conhecimentos referentes ao passado de uma humanidade de acordo com o lugar e a época em que viveram; sequência de fatos importantes registrados de forma cronológica ou não; ou quem sabe ainda, os julgamentos que a sociedade presente faz, acertadamente ou não, de seus antepassados e de si mesma a partir do momento em que tomam consciência dos fatos através da historiografia. Nesse sentido, Roger Chartier acertadamente afirma que "a história como escritura desdobrada tem, então, a tripla tarefa de convocar o passado, que

* Graduado em História pela FABEJA. Especialista em Metodologia do Ensino de História e as Novas Tecnologias pela mesma instituição.

ISBN: 978-85-98711-10-2

já não está num discurso no presente; mostrar as competências do historiador, dono das fontes; e convencer o leitor"[1].

Quanto ao termo *Cultura,* as definições passam pelas mesmas dificuldades de interpretação em seu significado, tanto quanto a *História*. Lembrando um grande cesto em que cabe todo tipo de frutas, Peter Burke alerta que este é "um conceito com uma embaraçosa gama de definições"[2]. Ela pode referir-se ao patrimônio de conhecimentos e saberes, individual e coletivo, de uma pessoa ou grupo social. Também designa os padrões de comportamento, crenças, costumes ou folclores que determinado grupo social insiste em preservar e passar adiante para sua posteridade através da prática das tradições que, julgam eles, preservará sua identidade cultural.

ENTRELAÇADOS: HISTÓRIA E LITERATURA

Durante os últimos anos, as formas de fazer e escrever histórias vêm sofrendo transformações no meio acadêmico que tem direcionado novos olhares para o passado e aberto novos horizontes para o presente, possibilitando especulações de como a História será escrita em um futuro próximo.

Com o advento da História Cultural, as relações entre História e Literatura chamaram à atenção dos teóricos e pesquisadores. Tendo como fio condutor a narrativa de ambas as ciências, podemos perceber que seus discursos não são tão díspares como querem alguns, nem tampouco iguais como querem outros. É necessário encontrar um ponto de equilíbrio ou convergência entre ambos os saberes.

Saberes esses que informam, denunciam, retratam uma época que foi e já não é. Nesse sentido, o conceito de representação ganha força e vida através da voz narrativa, seja ela da História ou da Literatura onde podemos perceber o imaginário de um tempo passado.

Por essa ótica é sábio apoiarmo-nos nas precisas definições que a saudosa Sandra Pesavento deixou-nos ao dizer, sobre essas ciências do conhecimento humano que:

---

[1] CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 15.

[2] BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: UNESP, 2002. p. 165.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> Escrever a História, ou construir um discurso sobre o passado, é sempre ir ao encontro das questões de uma época. A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado.[3]

Sobre a Literatura anotou ela que:

> Permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário.[4]

Um segundo ponto a ser levado em consideração, é o diálogo entre a ficção e a realidade. Este ponto reveste-se de grande importância, habilidade e sensibilidade no momento que se percebe que a linha que separa ambos os discursos é muito tênue, tanto para uni-los, quanto para separá-los. Esta aproximação se torna mais visível quando, percebemos que ambas, realidade e ficção, servem-se do mesmo ponto de partida e referencial, ou seja, o real ou a realidade.

Nesse debate Carlo Ginzburg chamou a atenção ao dizer que "a poesia é *fictio* até porque, como a *fictio* legal, constitui uma realidade que é verdadeira para todos os efeitos, mas não no sentido literal"[5]. Dessa forma, a ficção não usufrui do mesmo privilégio da realidade, de sua condição de ser, pois ela, a ficção, precisa a todo instante assemelhar-se ao verossímil, para obter credibilidade em seu discurso informativo do real.

O ESCRITOR DAS CRÔNICAS E AS CRÔNICAS DO ESCRITOR

Nos tempos em que a Rainha Vitória assentara-se sobre o trono da Inglaterra, o país passava por grandes transformações que, em ritmo acelerado, marcava uma

---

[3] PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 59.

[4] Ibidem, p. 82.

[5] GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira:** nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 55.

ISBN: 978-85-98711-10-2

pacífica convivência entre tradição e modernidade. Entretanto, essa coexistência harmoniosa não impediu, na verdade até contribuiu, para que tudo aquilo que fosse velho começasse a vacilar.

Naqueles dias, modificações radicais ocasionadas pela Revolução Industrial causaram expectativas em seus contemporâneos, deixando-os estarrecidos. Soprando de forma impetuosa sobre o século XIX, ela trouxe em seu vendaval transformador, mudanças que deixaram suas testemunhas oculares com marcas inesquecíveis e algumas delas irreparáveis.

Os pilares da religião católica e protestante foram profundamente abalados quando o naturalista britânico Charles Robert Darwin (1809-1882), especulou a possibilidade de o homem ter sua gênese ligada a um ancestral comum, por meio de um processo de concorrência que culminava com a seleção natural, onde organismos vivos adequavam-se passo a passo com as espécies entrelaçando-se uma após a outra a partir de formas ancestrais. Esse conceito minou a crença na origem e cuidado divinos do homem conforme é descrita na Bíblia Sagrada, no livro do Gênesis.

Nas indústrias, a revolução das máquinas praticamente extinguiu o trabalho artesanal e seu mercado, que geralmente era realizado pelo homem do campo desde a era medieval. Antes, a obra de suas mãos era levada às cidades onde podiam ser comercializadas ou trocadas nas feiras livres. Agora, sem ter espaço para comercializar e sem condições de concorrer com a produção de bens de consumo em larga escala, não restou alternativa para ele; era necessário partir para as cidades em busca de trabalho para sobreviver.

No campo das ideias, o pior para a classe burguesa vitoriana e os capitalistas, ainda estava por vir. Dois degredados alemães, Karl Marx, com 30 anos, e Friederich Engels, com 28, elaboraram um importante documento de consciência de classe e estratégia para uma reação contra o *status quo* a pedido da Liga dos Comunistas. Em tom apocalíptico, o Manifesto Comunista procurou fazer uma análise em que apontava a burguesia moderna como a nova classe opressora dos pobres trabalhadores.

Longe de toda essa agitação, pelo menos em seus primeiros anos de vida, nascia em 7 de fevereiro de 1812, na pequena cidade de Portsmouth, condado de Hampshire, na Inglaterra, Charles John Huffam Dickens. Primogênito de oito filhos do

ISBN: 978-85-98711-10-2

casal John Dickens, funcionário da marinha britânica, e Elizabeth Barrow Dickens, uma mulher extremamente capaz nos negócios da administração do lar, de bela face e com um aspecto um tanto jovial para sua idade. Suas habilidades domésticas mostraram-se capazes também na educação dos filhos. Peter Gay registra que "ela ensinou o filho mais velho a ler e estimulou sua imaginação sensível"[6].

O período de sua existência humana esteve intrinsecamente ligado às transformações ocorridas em sua Londres sempre em estado de mutação, como argutamente observou Jorge Luis Borges "Dickens descobre a paisagem da cidade. As paisagens eram de campos, montanhas, selvas, rios. Dickens trata de Londres. É um dos primeiros a descobrir a poesia dos lugares pobres e sórdidos"[7], e isto fez parte de seus romances, suas personagens e das cenas pitorescas que divertiam os leitores das mais diversas classes sempre ansiosas e as vezes amontoados para adquirir um fascículo mensal que seria parte integrante e complementar de um novo romance ou nos clubes de leitura onde estas histórias eram lidas em voz alta para apreciação dos ouvintes.

Seus estímulos e sua inspiração são oriundos do agitado cotidiano que está diante de seus olhos no palco de sua musa, Londres. Conseguindo captar suas formas e suas personagens em ação que transformam o *real* do qual ele mesmo é parte integrante, Charles Dickens absorve-os, dá-lhes voz e vida nas páginas de seus romances através de um caleidoscópio imanente, refletindo as cores de uma imagem que está em constante mutação e que, servindo-se da hábil pena do escritor está pronta para dar testemunho de sua época aos seus contemporâneos e as gerações posteriores pelos olhos da Literatura.

Em fevereiro de 1836, ele vira a recompensa de todo seu esforço e talento como escritor. Iniciando sua carreira literária como jornalista na Câmara dos Comuns do Parlamento inglês onde cobria os acalorados debates, aos 24 anos de idade ele publicaria uma coletânea de crônicas e artigos que foram escritos, ao que parece, despretensiosamente, em tempo oportuno, quando sua mente deixou-se vaguear pela imaginação fértil e por sua escrita fluente. Assinando-as sob o pseudônimo de Boz, o

---

[6] GAY, Peter. **Represálias selvagens:** realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 49.

[7] BORGES, Jorge Luis. **Curso de literatura inglesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 251.

ISBN: 978-85-98711-10-2

volume que estaria composto por estes escritos sairia sob o título *Sketches by Boz*[8], e ganharia a simpatia de muitos leitores de Londres.

Anunciando previamente seu talento como romancista e perspicaz observador de sua sociedade, essas crônicas têm um estilo de leitura agradável e objetivo. Sem rodeios, as descrições das cenas a que essas crônicas se reportam penetram sorrateiramente as obscuras ruas londrinas, as tavernas, os lares burgueses, desvelando cenas, sentimentos de hipocrisia e omissão em relação às condições sociais de personagens obscuras e anônimas, com um incrível realismo cada vez mais distante de um romantismo utópico, onde miséria e vida farta caminhavam juntas, fazendo questão de nunca se darem as mãos.

Londres era uma cidade abarrotada de pessoas por todos os lados, que mostrava-se promissora no sentido de estar oferecendo oportunidades de trabalho e de habitação satisfatórias que habitavam os sonhos de seus imigrantes camponeses ou habitantes da cidades próximas. Não demorava muito para eles acordarem de seus sonhos e perceberem que estavam vivendo um pesadelo real. Discorrendo sobre esses desapontados transeuntes em sua crônica noturna, datada de 23 de abril de 1835, ele percebe que:

> É estranho como um homem, seja ele bom, mau ou irrelevante, pode viver e morrer em Londres sem se fazer notar e sem despertar qualquer simpatia no coração de qualquer pessoa. Sua existência não é motivo de interesse para ninguém a não ser para ele mesmo. Não se pode dizer que esse cidadão foi esquecido ao morrer, porque nunca foi lembrado enquanto vivia. Há um grande número de pessoas nesta metrópole que parecem não possuir um único amigo e com quem ninguém parece se importar. Premidos por imperiosa necessidade num primeiro momento, vieram para Londres em busca de emprego e meios de subsistência.[9]

Compaixão; sentimento nobre demais para um ritmo de vida cotidiana alucinante. Ele exigia tempo para meditação introspectiva, e uma cidade em pleno auge da Revolução Industrial não estava disposta a desperdiçar sua preciosa atenção para isso, seja durante o dia ou durante a noite, para as necessidades básicas de seus

---

8 No Brasil a obra foi traduzida como **Retratos Londrinos** e foi publicado pela editora Record.

9 DICKENS, Charles. **Retratos londrinos**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 231.

ISBN: 978-85-98711-10-2

habitantes. No relato de sua crônica publicada no dia 17 de janeiro de 1836, Dickens mostrava uma Londres implacável com os aventureiros iludidos pelo sonho de conquistarem sua estabilidade financeira. Os contrastes entre os lares burgueses aquecidos e a má sorte que as frias ruas ofereciam a seus corriqueiros habitantes, adentravam as noites em seus laboriosos trabalhos tornavam-se mais aparentes.

> Se quisermos conhecer as ruas de Londres em seu momento mais glorioso, devemos observá-las em uma escura, sombria e triste noite de inverno. Há apenas o sereno que cai suavemente e deixa as calçadas escorregadias sem, contudo, limpar qualquer uma de suas impurezas. É quando também uma névoa densa e preguiçosa paira sobre todos os objetos, tornando a luz das lamparinas ainda mais brilhantes e aumentando a luminosidade das vitrines, em contraste com a escuridão que a tudo rodeia. As pessoas que estão em casa em uma noite como essa parecem dispostas a ficar o mais aconchegadas e confortáveis possível, e os pedestres têm excelentes motivos para invejar a sorte daqueles que estão sentados diante de suas lareiras. Nas melhores e mais largas ruas as cortinas da sala de jantar estão bem abertas, as chamas do fogão na cozinha crepitam e os vapores apetitosos de um jantar quente acariciam as narinas dos famintos passantes. Nos subúrbios o jovem vendedor de bolinhos toca a sineta enquanto caminha pela rua estreita num ritmo mais vagaroso do que gostaria.[10]

A vagarosidade do vendedor de bolinhos tem sua razão de ser. As implacáveis noites londrinas parecem também enterrar as últimas esperanças de outros vendedores ambulantes. Sem perspectivas de estabelecerem-se de forma fixa em uma elegante loja de conveniências ou em um aconchegante restaurante onde possam oferecer uma saborosa e quente refeição aos burgueses após alcançarem o sucesso como um comerciante, eles trabalham durante horas a fio, todos os dias procurando algum transeunte que tenham dois predicados básicos onde possam ter seus esforços recompensados: fome e dinheiro. Parece que o único público disponível para esses horários, são as enérgicas crianças muito mais preocupadas em aquecer-se do que prestar atenção aos apelos dos vendedores. Ainda na mesma crônica do dia 17 de janeiro de 1836, Charles Dickens assim descreve essa cena:

> Vendedores de peixes, ostras e frutas vagam desesperançados pela sarjeta, tentando inutilmente chamar a atenção de algum cliente. E os garotos maltrapilhos, que costumam se divertir correndo pelas ruas estão agachados em grupelhos em algum vão de porta ou sob a barraca

[10] DICKENS, Charles. **Retratos londrinos**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 79.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> de lona do vendedor de queijos, onde grandes e ofuscantes luzes a gás, totalmente descobertas, expõem enormes fachos de brilho avermelhado. Ali há ainda queijos amarelados, misturados com pedacinhos de bacon barato, vários tubos de manteiga de Dorset (que chegam uma vez por semana) e outros de manteiga fresca.[11]

Perto da meia noite, um horário bem avançado até mesmo para os perseverantes vendedores ambulantes, Londres reserva suas cenas noturnas mais chocantes para aqueles que se arriscam a caminhar pelas inseguras ruas, ficando a mercê de inescrupulosos assaltantes e vagabundos que não estão nem um pouco dispostos a ingressarem nas exploradoras fábricas. Continuando sua triste crônica de 17 janeiro de 1836, ele narra uma cena em que não só o clima parece estar absurdamente frio, mas, também os duros corações dos andarilhos noturnos para com uma mulher já muito castigada por sua condição econômica e social:

> Aquela mulher desgraçada, com uma criança nos braços, cujas formas descarnadas o que restou de seu xale inadequado envolve cuidadosamente, tanta cantar uma canção popular, na esperança de conseguir alguns trocados do pedestre compadecido. Mas a única coisa que sua voz tíbia recebe é uma risada brutal. As lágrimas correm grossas e ligeiras sobre seu rosto pálido. A criança está com frio e faminta. Seu choro baixo e sufocado se soma à tragédia da miserável mãe, que se lamuria em voz alta e, desesperada, encolhe-se na soleira gélida e úmida de uma porta.[12]

Desalentada, a mulher busca em suas últimas forças entoar uma triste canção que tem como nota o descaso de uma sociedade burguesa que tem como principal preocupação ascensão econômica e status social. O destino e a livre concorrência colocaram essa pobre mulher em seu devido lugar. Triste com aquela chocante cena, Charles Dickens acredita que Deus é o único a lhe dar atenção.

> Cantar! Quantos dos que passam por essa pobre criatura pensam na angústia do coração, no desalento da alma que o grande esforço de cantar produz? Que zombaria amarga! Doença, negligência e fome articulando sem forças a letra de uma cantiga alegre que, só Deus sabe com frequência, alegrou tuas horas de festas e regozijo! Isso não é motivo para escárnio. A voz fraca e trêmula conta uma assustadora história de pobreza e inanição, e a débil cantora dessa música assombrosa tem de ir embora, e acabar morrendo de frio e fome.[13]

---

[11] Ibidem, p. 81.

[12] DICKENS, Charles. **Retratos londrinos**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 82-83.

[13] Ibidem, p. 83.

ISBN: 978-85-98711-10-2

E assim, como um competente alfaiate das letras, Charles Dickens vai construindo a tessitura de seus textos literários servindo-se da ficção que beira a realidade que ele mesmo contempla. Suas personagens e as situações que elas vivem, são fictícias no sentido literal da palavra. No entanto, são reais no sentido em que retratam cenas comuns de seu cotidiano na Londres do século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Jorge Luis. Curso de literatura inglesa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BURKE, Peter. História e teoria social. São Paulo: UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. A história ou a leitura do tempo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DICKENS, Charles. Retratos londrinos. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GAY, Peter. Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GINZBURG, Carlo. Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.